

## O HOMEM DO SÉCULO XXI INSCRITO NOS DESENHOS ANIMADOS DA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE DA SÉRIE *DRA. BRINQUEDOS*

### THE MAN OF THE XXI CENTURY ENTERED IN THE ANIMATED CURRENTLY CARTOON: AN ANALYSIS OF THE DOCTOR TOYS SERIES

Camila Praxedes de Brito<sup>26</sup>

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares<sup>27</sup>

**RESUMO:** O presente artigo vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN) e é resultado de uma pesquisa acerca de discussões de gênero na sociedade contemporânea, realizada na disciplina Linguagens e Questões de Gênero. Nas discussões, percebemos que toda a nossa sociedade é constituída por grupos e que eles possuem suas normas e conceitos pré-estabelecidos. Dessa forma, todo sujeito introduzido em um meio específico sofre o processo de “normalização”, um sistema de fabricação do outro, seguindo os mesmos modelos. Pensando nessas identidades fabricadas, resolvemos analisar a construção desse novo modelo de homem dentro da série infantil *Dra. Brinquedos*, da Disney. Esta série, mais direcionada às crianças, será analisada aqui no sentido de interpretar como as vontades de verdade e as relações de gênero masculino/feminino estão sendo colocadas a esse público infantil. A pesquisa insere-se na Análise do discurso de tradição francesa, fiando-se nos conceitos de sujeito, formação discursiva, relações de poder de Foucault (2008), e na constituição do novo homem na sociedade moderna com Eccel e Alcadipani (2012) e Navarro (2008), dentre outros autores. Na série analisada, percebe-se a repetição de discursos da ideologia de igualdade entre os gêneros e nota-se que as “posições sujeito”, ocupadas pelas personagens, não estão relacionadas ao fato de serem homens ou mulheres, mas de serem sujeitos em igualdade na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Memória. Gênero.

**ABSTRACT:** This article is linked to the Postgraduate Program in Language Sciences (PPCL / UERN), and was the result of a research about gender discussions in contemporary society, held in the discipline Gender Languages and Issues. In discussions, we realize that our whole society is made up of groups and that they have their pre-established norms and concepts. In this way, every subject introduced in a specific environment undergoes the process of "normalization", a system of manufacturing the other, following the same models. Thinking about these manufactured identities, we decided to analyze the construction of this new model of man within the children's series Disney Toys. This series, more directed to

---

<sup>26</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Central e integrante do Grupo de Estudos do Discurso da UERN - GEDUERN. E-mail: [miilahpraxedes@hotmail.com](mailto:miilahpraxedes@hotmail.com)

<sup>27</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Vice-líder do Grupo de Estudos do Discurso da UERN – GEDUERN. E-mail: [luciahmct@gmail.com](mailto:luciahmct@gmail.com).

children, will be analyzed here in order to interpret how the real wills and the male / female gender relations are being put to this infantile audience. The research is inserted in the analysis of the discourse of French tradition, relying on the concepts of subject, discursive formation, power relations of Foucault (2008), the constitution of the new man in modern society with Eccel and Alcadipani (2012) and Navarro (2008), among other authors. In the analyzed series, we can see the repetition of the discourse of the ideology of gender equality, and we note that the "subject positions" occupied by the characters are not related to being men or women, but of being equal subjects in society.

**KEYWORDS:** Subject. Memory. Modern man.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o que ocorre na sociedade moderna é a criação maquinária dos sujeitos sociais. Os mesmos são moldados de acordo com o meio, sendo assim, nada do que constitui a identidade do sujeito é inato, ou seja, ele passa por um rigoroso processo de construção que, de acordo com Guattari e Rolnik (2005, p. 35), é realizado por meio da subjetivação, pois

tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam não é apenas uma questão de ideia ou de significado por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificação com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.

Dessa forma, nada do que é dito em determinado grupo social, é feito sem uma finalidade. Desconsidera-se a relação simples entre o significante e seu significado para concentrar-se nas relações sociais, nas quais esses significantes estão inseridos. Assim, são construídos os sujeitos que atuam na sociedade moderna. Todo seu aparato linguístico, cultural e ideológico são moldados a partir de modelos pré-estabelecidos socialmente.

Para desequilibrar essa situação, aparentemente harmônica entre os sujeitos, é que os grupos sociais não conseguem conviver sem o contato com outros grupos. É nesse ponto que as notórias diferenças entre os sujeitos começam a entrar em confronto, posto que o novo, o diferente sempre causa estranhamento e muitas vezes repulsa, pois, “toda alteridade radical representa sempre uma perturbação de nossa identidade uma ameaça a nossa construção “harmônica” de imagem de

grupos, de comunidade, de nação, de gênero, de raça, de idade etc” (SKLIAR apud GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.74).

Nossa sociedade é constituída por grupos. Estes possuem suas normas e conceitos pré-estabelecidos. Qualquer um que desobedeça a esse modelo é chamado de estranho, “anormal”. Dessa forma, todo sujeito introduzido em um meio específico sofre o processo de “normalização”, assim, não há mais um processo de conhecimento mútuo, o que há é um sistema de produção ou fabricação do outro, seguindo sempre os mesmos modelos.

Foi pensando nesses modelos fabricados que resolvemos analisar a construção do novo homem, com base nas novas necessidades sociais, e mais especificamente, como isto acontece na série infantil *Dra. Brinquedos*. Buscou-se ainda aqui averiguar as subjetivações dos sujeitos “homem” e “mulher”, “pai” e “mãe”, dentro do desenho animado em análise. Além disso, procura-se também interpretar como as vontades de verdade se materializam neste desenho que tem como público alvo as crianças.

No campo epistemológico, a pesquisa insere-se na Análise do discurso de tradição francesa, fiando-se nos conceitos de sujeito, formação discursiva, relações de poder, com base em Foucault (2008). No que diz respeito à constituição do novo homem, na sociedade moderna, nos utilizamos dos preceitos de Eccel e Alcadipani (2012) e Navarro (2008), além de outros autores que sustentam os pressupostos teóricos deste trabalho.

## **2 AS DIVISÕES DOS PAPÉIS SOCIAIS ENTRE HOMENS E MULHERES**

Os seres humanos são constituídos por convenções efetivadas no meio social, as quais são responsáveis por estabelecerem os papéis que homens e mulheres devem ocupar, ou seja, quais as funções que cabem “exclusivamente” a cada gênero na sociedade.

Segundo Eccel e Alcadipane (2012, p. 52), “A dominação do masculino na civilização humana é praticamente inquestionável”. Desde a antiguidade, conhecida através dos registros históricos, há uma necessidade de hegemonia masculina, que ocorre tanto em relação às mulheres quanto aos próprios homens. Sempre fora concedido ao homem o papel de sujeito social, responsável pelo provimento da

família, ocupando uma posição sujeito sempre superior a da mulher, que era responsável apenas por tarefas domésticas, como lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos, etc. Podemos perceber, então, que “a masculinidade [...] consiste em uma noção socialmente construída e relacionada aos eixos de espaços temporais e culturais, nos quais os significados de ser homem aliam-se também à classe, à geração, à sexualidade etc. (KIMMEL apud ECCEL e ALCADIPANI, 2012, p.54).

Dessa forma, o conceito de masculinidade ultrapassa os limites do físico e do biológico. A masculinidade é uma construção social ligada às relações de espaço, tempo e cultura, posto que tal conceito pode sofrer alterações de acordo com a época e o local. O que se nota é que, ao longo do tempo, a sociedade vem esculpindo e impondo modelos de homens e mulheres. Isto ocorre porque todo discurso é constituído por meio de atravessamentos ideológicos que contribuem para as relações de poder existentes na sociedade.

Para Navarro (2008, p. 89), “o poder classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade própria, liga-os a sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles”. Assim, as identidades sociais são construídas/transformadas por meio das relações de poder existentes entre os sujeitos sociais, como também por meio das interrelações existentes entre esses sujeitos na sociedade, haja vista que as vontades de verdade são transmitidas/fabricadas neste meio e que determinam as posições sujeitos que, segundo Foucault (2008, p.58),

se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo.

Os fragmentos que constituem as identidades dos sujeitos são compostos através do discurso, que estabelece as maneiras como os sujeitos percebem a si próprios e aos outros. Os modos de subjetivação dos sujeitos estão relacionados à sua formação discursiva, que se dá nos variados âmbitos do convívio social e que se materializa através do discurso. Este coexiste nas relações dos sujeitos falantes, cujas formações discursivas possibilitam a formulação de seus dizeres. Sendo assim, o discurso é concebido por meio de um Sistema de Formação.

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. (FOUCAULT, 2008, p. 82)

Percebemos que a formulação dos discursos está ligada aos sujeitos sociais e as suas relações históricas. Dito de outro modo, o que se diz é determinado pelos arranjos históricos que envolvem os sujeitos numa formação discursiva. Essa formação discursiva é construída por meio de atravessamentos discursivos diferentes, assim, uma formação discursiva recebe influências de várias outras formações discursivas, adquiridas pelos sujeitos durante toda a sua vida.

Para Foucault (2008, p. 83),

uma formação discursiva [...] determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

Significa dizer que as relações sociais dos sujeitos, suas influências e conceitos constroem os discursos, pois estes somente produzem sentidos ou efeitos de sentido, nas relações entre as práticas discursivas, visto que as relações entre os sujeitos são convencionadas socialmente, podendo sofrer modificações no decorrer do tempo e também no deslocamento do espaço. É o que vem acontecendo com o homem e com os papéis que este ocupa na sociedade.

Ao longo da história da humanidade, o homem aparece como o responsável pelo provimento econômico da família, enquanto que a mulher é vista como a cuidadora, destinada aos cuidados domésticos e familiares. No entanto, o que se percebe atualmente é uma desconstrução desses padrões há muito arraigados na sociedade. Assim sendo, por onde começar a desconstrução e, posteriormente, a reconstrução dos novos modelos de sujeitos sociais e a implementação de seus novos papéis nas famílias e na comunidade de maneira geral, considerando as necessidades da sociedade contemporânea? O modo mais eficaz de se disseminar esses novos moldes sociais é começar pelo homem em formação. Aquele que não dispõe de vícios sociais e nem de quaisquer tipos de preconceitos: as crianças.

Para analisarmos como esses novos sujeitos sociais (homem/mulher) estão sendo apresentados às crianças, é que decidimos realizar a presente pesquisa, observando como está se dando esse processo de desconstrução/reconstrução dos sujeitos sociais nos desenhos animados infantis da atualidade, especificamente, na série *Dra. Brinquedos* da Disney, exibida no Brasil pela *Netflix*.

### **3 O HOMEM DO SÉCULO XXI NA SÉRIE ANIMADA *DRA. BRINQUEDOS***

Percebemos que, ao longo do século XXI, os conceitos de homem e mulher têm se modificado bastante. A nova sociedade não comporta mais padrões antigos que destinam a mulher ao lar e o homem ao mundo dos negócios. Então, como desconstruir esses estereótipos já arraigados na sociedade há tanto tempo?

Uma forma eficaz para fixar esse novo modelo masculino a ser seguido é a utilização dos desenhos animados como meio de disseminar esse novo padrão. Destinado ao público infantil, os desenhos animados exercem bastante influência nas crianças, interferindo no seu modo de agir, pensar, falar e se comportar. Assim, os estereótipos do que seria masculino ou feminino vão sendo construídos nas mentes das crianças, que são a renovação da sociedade.

Para Eccel e Alcadipane (2012, p. 68), as inversões dos papéis sociais e a adaptação dos novos sujeitos sociais ao recente modelo de sociedade, “trata-se de uma crise na ordem de gênero, não apenas da masculinidade, pois se percebem mudanças nas relações de gênero e nos papéis tradicionalmente estabelecidos para cada indivíduo”. Na atual conjuntura social, o papel exercido pelo homem tem se modificado e diversificado ao passo que também o tem o da mulher. Hoje, eles e elas ocupam as mesmas posições sujeito e exercem funções que antes eram limitadas às mulheres. Isso acontece porque “o sujeito é o lugar ou a posição que varia muito segundo o tipo e conforme o limiar do enunciado, ou melhor, a posição sujeito varia de maneira que, no enunciado, essa posição é vazia e será preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes” (CARVALHO, 2008, p.20).

Assim, a nossa sociedade vem traçando novos moldes de masculino e feminino, cujo foco não é apenas pessoas adultas, mas as crianças que estão em fase de formação de personalidade e construção dos valores individuais. É o que ocorre na animação intitulada *Dra. Brinquedos*, da Disney, exibida na *Netflix* desde

2014. A série infantil já está em sua terceira temporada. A história começa quando uma menina ganha de sua avó um estetoscópio “mágico” que permite que ela fale com seus brinquedos, tornando-se assim a Dra. Brinquedos. Tentando imitar sua mãe, uma médica pediatra, a menina monta em sua casinha de bonecas uma clínica para cuidar de brinquedos com defeitos. A família é composta inicialmente pela menina, seu irmão Dony, sua mãe e seu pai.

As inversões de papéis sociais arraigados na sociedade começam a ser demonstrados logo no segundo episódio da primeira temporada, quando a família de Doutora é apresentada aos espectadores: a mãe aparece carregando uma maleta de médica e saindo para o trabalho, enquanto o pai está de avental na cozinha preparando o lanche que as crianças levarão para a escola. Notamos que as funções dos pais foram invertidas, de acordo com as convenções socialmente fixadas, em que o homem é o provedor do lar, é quem sai para trabalhar e sustenta sua família, sendo que, nessa série, o pai exerce agora a função de cuidador das crianças e da casa, enquanto que a “posição sujeito” provedor(a) do lar é exercida pela mãe. Essa relação é colocada para as crianças de forma “natural”, fazendo com que cresçam com essa imagem como sendo comum, e não motivo de espanto ou de elogio ao homem, pois, para essa família, as obrigações do lar pertencem a todos os seus membros, conforme podemos verificar nas imagens a seguir:

**IMAGEM 1:** Captura

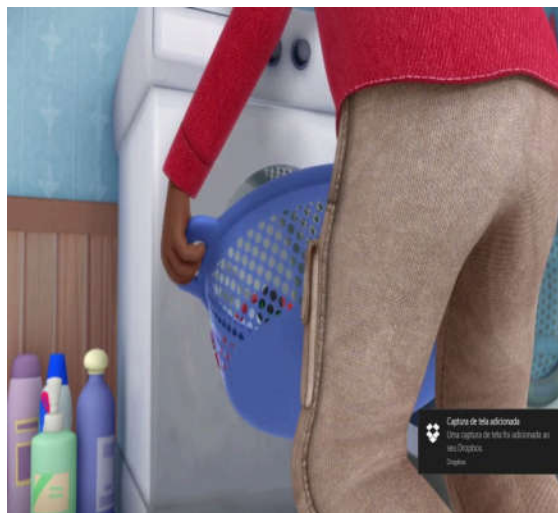
de Tela 1.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.



**IMAGEM 2:** Captura de Tela 2.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Nas imagens 1 e 2, vemos que o pai está recolhendo as roupas e lavando-as, o que há algum tempo atrás, competiria à mãe ou a qualquer pessoa do sexo feminino, pois lavar roupas era serviço apenas para mulheres. Por meio dessas ações, percebe-se que a própria sociedade cria preconceitos sobre os afazeres masculinos e femininos e repassa-os para seus novos membros – ainda na infância – fazendo do processo de fabricação do outro o cerne desses preconceitos. Desde criança aprendemos quais são as tarefas masculinas e femininas, que cores meninos e meninas devem usar e com que brinquedos devem brincar. De acordo com Huston (2012, p.23):

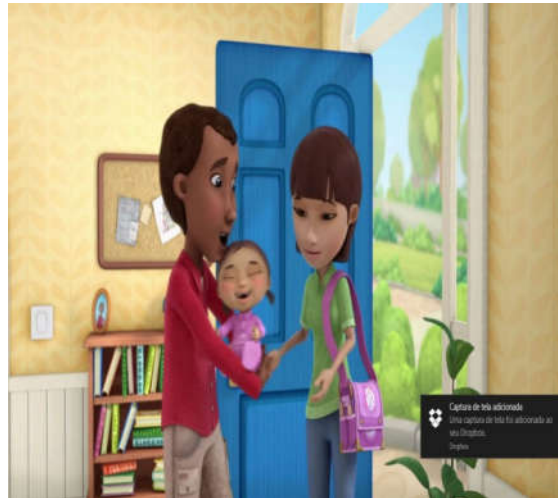
Não se nasce alguém, mas passamos a sê-lo. O eu é uma construção custosamente elaborada. Longe de sempre ter estado ali, esperando para se firmar, é primeiramente um meio físico e humano e depois uma configuração móvel, em permanente transformação que fixamos por mera convenção.

Dessa forma, esses novos papéis vão sendo implementados na memória das crianças, contribuindo para suas formações discursivas que, conseqüentemente, obedecerão a esse novo padrão familiar. No episódio um da segunda temporada, aparece novamente o homem – pai – como o cuidador da família, na ausência da mãe na hora de dormir, pois esta está trabalhando. O pai coloca a filha na cama e lhe conta uma história para dormir. Logo em seguida atende a um telefonema de



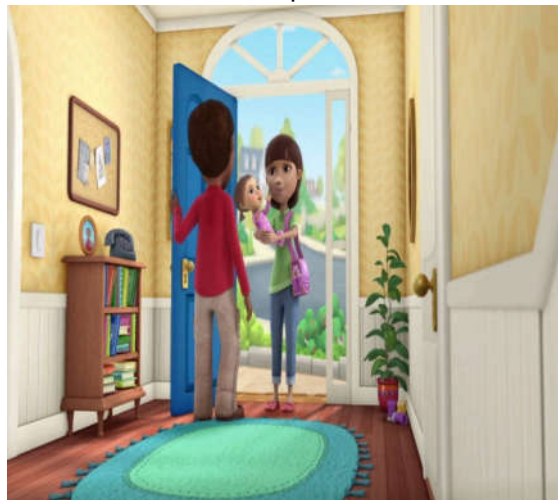
uma vizinha que lhe pede que tome conta de sua bebê no dia seguinte, para que possa resolver uns assuntos de trabalho, o que ocorre naturalmente no outro dia, como podemos ver nas imagens a seguir:

**IMAGEM 3:** Captura de Tela 3.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.

**IMAGEM 4:** Captura de Tela 4.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Há uma relação de confiança entre a vizinha e o pai da Doutora, fato que não ocorre com frequência, por exemplo, na sociedade brasileira, posto que o “comum” seria que uma vizinha ou uma amiga deixasse a filha, ainda bebê com alguém do mesmo gênero. Pois, em uma sociedade originada do patriarcalismo não é comum

o homem cuidar das crianças, nem das suas, imagine de outras pessoas. Percebemos que há uma formação discursiva com ideologias diferentes das tradicionais, tanto por parte da vizinha, quanto pelo pai da Dra. Brinquedos. Para Foucault, (2008, p.83),

uma formação discursiva [...] determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

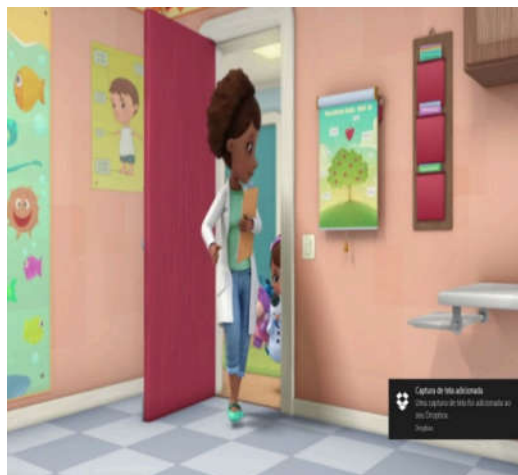
Essas diferentes formações discursivas podem explicar as transformações de atitudes e o fato da confiança mútua entre as personagens como também a disposição voluntária do homem para cuidar da criança da amiga. Já em episódios da terceira temporada, como em outras mais, percebemos que os cuidados com o lar, os afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, passar, limpar a casa e o quintal – tarefas normalmente conferidas às mulheres – são executadas em sua maioria pelo pai, já que a mãe não dispõe de muito tempo para esses afazeres. No episódio 22 da terceira temporada, o irmão da Dra. Brinquedo terá uma apresentação na escola e, como a mãe não poderá assistir, o pai assume o papel que antes também era da mulher. As imagens abaixo demonstram os pais da Dra. Brinquedos em suas tarefas diárias, que, como pudemos constatar, nada tem a ver com o que a sociedade afirmava serem tarefas masculinas ou femininas. Enquanto a mãe está em seu consultório, trabalhando fora de casa, o pai está em casa, preparando o jantar da família:

**IMAGEM 5:** Captura de Tela 5.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.

**IMAGEM 6:** Captura de Tela 6.



**FONTE:** Desenho Animado Dra. Brinquedo.

Dessa forma, percebemos que os papéis sociais dos sujeitos “pai” e “mãe”, dentro da família, estão se modificando. A série vem mostrar que essas mudanças aconteceram e devem ser recebidas de forma natural. E, apesar de a sociedade ainda ser bastante conservadora, é preciso haver mudanças nas estruturas tradicionais da família para atender às necessidades da nova sociedade que preza pela igualdade e pelo respeito mútuo entre os gêneros, de modo a não haver mais funções somente de homens ou de mulheres, que tudo possa partir do princípio da escolha dos sujeitos sociais e não do gênero ao qual pertencem.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O discurso exprime uma memória coletiva, na qual os sujeitos são inscritos. Essa memória é constituída e baseada na ideologia do sujeito, no posicionamento e nos ideais defendidos por ele. Portanto, é no discurso que identificamos a ideologia, e esse discurso é inscrito em sua materialidade. No caso específico da série, notamos, constantemente, a repetição da ideologia de igualdade entre os gêneros, pois as posições sujeito ocupadas pelas personagens não estão relacionadas ao fato de serem homens ou mulheres.

Podemos dizer, então, que aquilo que é colocado em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma certa conjuntura, determina o que pode e o que deve ser dito. A ideologia é materializada por meio

dos discursos e articulada por sujeitos, e o sujeito é interpelado por sua ideologia. Nesse sentido, o “posicionamento” do enunciador define sua identidade enunciativa, ou seja, sua formação discursiva. Sendo, por isso, o que a AD chama de sujeito assujeitado, ou seja, a posição do sujeito em seu espaço social é que determina “as leis do seu discurso”. Se a instituição social, a qual esse sujeito defende, tem uma ideologia e um discurso formado sobre determinado tema, a obrigação desse sujeito é submeter-se a essa ideologia, a esse pensar, e assim, construir seus discursos dentro desses preceitos, pois a formação discursiva é relativa ao lugar onde vive o sujeito e também à posição que ocupa dentro desse lugar. Assim, podemos afirmar que a série infantil Dra. Brinquedos levanta questionamentos sobre as funções dos homens na sociedade contemporânea, como também verificamos a marcante inversão de papéis sociais cristalizados e a desconstrução de modelos antigos de masculino e feminino.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Maria de. A noção de Sujeito em Foucault. In. SILVA, Francisco Paulo da (org.) **Travessias do sentido e outras questões de linguagem**. Mossoró-RN: Queimabucha, 2008.p.17-31.

ECCEL, Cláudia Sirangelo; ALCADIPANI, Rafael. (Re)Descobrimo as masculinidades. In. FREITAS, Maria Ester de e DANTAS, Marcelo (Orgs.). **Diversidade Sexual e trabalho**. São Paulo – SP: Cengage Learnig, 2012.p. 51-75.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Trad. Luíz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. São Paulo – SP: Ed. Vozes, 2005.

HUSTON, Nancy. **A Espécie Fabuladora**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre – RS: Editora L&PM, 2012.

NAVARRO, Pedro. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In. NAVARRO, Pedro. **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos - SP: Editora Claraluz, 2008.p.89-100.